

RETRATOS DE MENINAS E DE MULHERES NEGRAS: AFETO E PERTENCIMENTO NA LITERATURA INFANTIL

Maria Carolina de Godoy ¹

RESUMO

Neste trabalho, o objetivo central é analisar a representação da infância nas obras que delineiam imagens de meninas e de mulheres negras, destinadas ao público infantil, com recorte para as relações afetivas. A compreensão dessas representações da literatura afro-brasileira permite vislumbrar o híbrido cultural de que faz parte a produção artística brasileira, nem sempre considerado nos estudos literários e nos espaços de legitimação - a educação básica, superior, crítica acadêmica, mercado editorial, feiras, festivais literários, mídias, entre outros. Destacam-se, neste artigo, duas obras: *Aconteceu na escola – um dia de princesa*, de Anna Claudia Ramos e Sandra Pina (2012) e *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta*, de Sonia Rosa (2013), ilustrações de Luciana Justiniani Hees para análise detida das relações entre afeto, identidade e pertencimento. Para a discussão teórica foram selecionados ensaios provenientes dos estudos literários e críticos sobre literatura afro-brasileira, representações negras e identidade, como Stuart Hall (2014, 2016) e Eduardo de Assis Duarte (2011); da crítica escrita por mulheres negras, no que se refere ao afeto, com destaque para Sonia Rosa (2017) e Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) e estudos da área da psicologia.

Palavras-chave: meninas e mulheres negras; literatura infantil

PORTRAITS OF BLACK GIRLS AND WOMEN: AFFECTION AND BELONGINGNESS IN THE CHILDREN'S LITERATURE

ABSTRACT

In this work, the central objective is to analyze the child representation in works that outline images of black girls and women, destined to the children's audience, with a focus on affective relationships. The comprehension of these representations in afro-brazilian literature allows a glimpse of the cultural hybrid of which the brazilian artistic production takes part, not always considered in literary studies and in legitimation spaces - the basic education, college, academic criticism, publishing market, fairs, literary festivals, medias, among others. Highlighted in this paper are two works: *Aconteceu na escola - um dia de princesa*, by Anna Claudia Ramos and Sandra Pina (2012) and *Quando a*

¹ Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998), mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002), doutorado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007) e pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Estudos Literários, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, literatura afro-brasileira, difusão digital de obras literárias, redes e literatura infantojuvenil. É pesquisadora visitante do PACC - Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ desde 2012. Participa do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Professora adjunta da Universidade Estadual de Londrina no Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas e líder do diretório de pesquisa do CNPq "Literatura afro-brasileira e sua divulgação em rede". Bolsista Produtividade 2 CNPq.

escrava Esperança Garcia escreveu uma carta, by Sonia Rosa (2013), illustrations by Luciana Jutiniani Hees, to be analyzed with a focus on relations between affection, identity and belongingness. For the theoretical discussion were selected articles about literary studies and criticism around afro-brazilian literature, black representations and identity, such as Stuart Hall (2014, 2016) and Eduardo de Assis Duarte (2011); from the criticism written by black women, in terms of affection, with emphasis on Sonia Rosa (2017) and Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) and studies in the field of psychology.

Key words: black girls and women; children's literature

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A ausência de imagens de crianças negras, na literatura canônica dos contos de fadas, reforça um modelo eurocêntrico pouco condizente com a diversidade de nosso país e acentua a percepção de que a literatura infantil e juvenil, predominante no espaço escolar, tem cor. Quando é disponibilizada em sala de aula, a literatura preocupada em apresentar uma linguagem verbal e não-verbal de enaltecimento da criança negra, representando-a literariamente em situações de protagonismo, reforça imagens que podem ser capazes de fortalecer seus laços sociais e o sentimento de pertença. Nesse ambiente, longe do espaço familiar e onde surgem as experiências de convívio diário social, toda criança deve sentir-se acolhida, respeitada e representada. A arte literária – representação verbal e visual no que se refere às ilustrações da literatura infantojuvenil – é força imagética para a formação identitária da criança.

Na primeira obra, *Aconteceu na escola – um dia de princesa*, de Anna Claudia Ramos e Sandra Pina (2012), a narrativa quebra o paradigma de princesas brancas dos contos de fadas tradicionais e coloca a personagem Eriem, aluna negra, para representar a Bela Adormecida em uma peça teatral da escola. As ilustrações são feitas a partir de bonecos por Luis Sagar e Rose Araujo e, desde a capa, há o destaque para o ato de ler em ambiente acolhedor, no qual as crianças estão dispostas em círculos e cercadas de livros. Em *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta*, de Sonia

Rosa (2013), ilustrações de Luciana Justiniani Hees, destaca-se a primeira mulher negra a fazer uma petição.

A representação de modelos heroicos na literatura infantil e juvenil afro-brasileira, por meio de personalidades apagadas pela história oficial, contribui para evidenciar mulheres e homens negros, sem perder de vista as atrocidades da escravidão, propiciando a releitura do passado histórico e ressignificando a ancestralidade, elo entre passado e presente, como força, inspiração e pertencimento.

Propõe-se, dessa forma, a análise dessas narrativas para discutir de que modo as obras desconstróem estereótipos, afirmando uma poética da resistência, a partir de trocas afetivas e das imagens heroicas que reforçam a identidade de modo positivo, sem perder de vista o tom lúdico e a beleza das descobertas do universo infantil.

1 REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA: AFETO, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

A atenção voltada ao modo como se manifestam os afetos, nas obras selecionadas, exigiu a busca por outras vozes – de autoria afro-brasileira, da área da psicologia social e da educação – a fim de se compreender, sob enfoques diferentes, o conceito do afeto. As duas primeiras vozes são de mulheres negras, sendo a primeira autora e a segunda pesquisadora: o afeto é visto no livro *Entre textos e afetos* da escritora de livros infantojuvenis afro-brasileiros Sonia Rosa (2017), na perspectiva da leitura, ao contar sua experiência de palestras a responsáveis, pais, mães de alunos e alunas. Dedicada a enfatizar a importância do ato de ler para crianças, a autora relata:

Contação de histórias: Esta atividade tem uma força extraordinária e inaugura um singelo diálogo entre corações. Ouvir histórias é momento de encantamento e cumplicidade. Contar histórias com o livro na mão, em que variados espaços como escolas, hospitais, casas, bibliotecas, espaços culturais, é dar vez à palavra falada como elo afetivo entre quem lê e quem escuta – condição

fundamental para a melhoria das relações humanas na infância, possibilitando crescer com desenvoltura. (ROSA, 2017, p. 37)

Sob outro ângulo de visão, o livro *Mulher negra: afetividade e solidão*, de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013, p. 45), fruto de sua tese de doutorado, a afetividade é tratada no contexto das relações amorosas, a partir de entrevistas de mulheres negras “[...] que, até o momento da pesquisa, não contraíram união estável: 12 ativistas e 13 não-ativistas.” Mais especificamente, o livro aborda a solidão dessas mulheres entrevistadas, ao demonstrar que

[...] há uma representação social baseada na raça e gênero, a qual regula as escolhas afetivas das mulheres negras. A mulher negra e mestiça estariam fora do “mercado afetivo” e “naturalizada no “mercado do sexo”, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e “escravizado”; em contraposição, as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes “à cultura do afetivo”, do casamento, da união estável. (PACHECO, 2013, p. 25)

Nos dois trabalhos, percebe-se a relação entre formas de representação (literária e social) da imagem negra e sua importância para construção da autoestima, identidade e laços afetivos. É importante, ao abordar a afetividade no contexto da literatura afro, salientar o ponto de vista de dentro, isto é, levar em consideração a voz negra.

Afetividade: as marcas do professor inesquecível, organizado por Sérgio Antônio da Silva Leite (2018), sintetiza pesquisas do Grupo do Afeto da Faculdade de Educação da Unicamp, vinculado à psicologia e à educação. Nessa obra, o organizador destaca o papel da afetividade na formação do leitor como parte de um processo mais amplo de apropriação de elementos culturais:

O processo [de constituição do leitor] envolve, portanto, as dimensões cognitiva e afetiva, simultaneamente, não sendo possível dissociá-las, se a intenção é entender o fenômeno de forma global. Portanto razão e afeto estão intimamente relacionados no processo de constituição do leitor, assim como em todo o desenvolvimento humano, considerado aqui

como o processo de apropriação, pelo indivíduo, dos elementos e conteúdos culturais. (LEITE, 2018, p. 273).

Para as pesquisas desenvolvidas neste grupo, cujo aporte teórico contempla Vigotsky (1956 [1993]) e Wallon (1942 [1978]), conforme Leite (p. 33-34), no Capítulo 1 “Bases teóricas do grupo do afeto”, a afetividade está intrinsecamente relacionada à apropriação dos elementos simbólicos e culturais. As considerações destas pesquisas são relevantes para a reflexão aqui desenvolvida, uma vez que tratam da formação leitora, ou seja, abrange o campo simbólico literário, cultura, representação e afeto.

A afetividade é um conceito mais amplo e complexo, constituindo-se mais tarde no processo de desenvolvimento humano, quando surgem os elementos simbólicos, fornecidos pela cultura, como, por exemplo, a fala. Envolve vivências e formas de expressão humanas mais complexas, desenvolvendo-se com a apropriação, pelo indivíduo, dos processos simbólicos da cultura, que vão possibilitar sua representação. Segundo Dér (2004), trata-se de um conceito que envolve componentes de natureza orgânica, corporal, motora e plástica, que é a emoção, além de componentes cognitivos e representacionais, que são os sentimentos e a paixão. Deve-se destacar, no entanto, que a complexificação das formas de manifestação afetiva só pode ser atingida através da mediação cultural, a partir de um ambiente social concreto, como lembra Dantas (1992). (LEITE, 2018, p. 35)

Utilizando o método transdisciplinar para compreender o conceito, pois são estudos que “[...] buscam articular teorias psicológicas com teorias sociais [e] evitam a simples captura dos conceitos de uma pela outra [...]” (POMBO-DE-BARROS; ARRUDA, 2010, p. 355), o artigo “Afetividade e representações sociais” propõe a relação entre afeto, pertencimento social e potencialidade individual, com base na teoria de Winnicott:

Vimos que a relação entre o desenvolvimento emocional e o uso e construção de representações sociais é complexa e retroalimentar. Identificamos dois movimentos

fundamentais dessa relação: (a) o sujeito emerge da relação com a sociedade, parte da indiferenciação para o reconhecimento do outro e de si, sendo o outro fundamental em sua constituição; (b) por outro lado, e também por isso, o sujeito está numa luta constante para se afirmar, construir-se enquanto indivíduo diferenciado, por meio da afirmação de sua potencialidade. Assim, os afetos perpassam processos que vão a duas direções: **a da pertença social e a da potencialidade individual**. As representações sociais são uma forma de conhecimento que viabiliza esse movimento, pois funcionam para manter o vínculo social enquanto também permitem apropriações individuais, ou melhor, negociações entre os sujeitos que as partilham. (POMBO-DE-BARROS; ARRUDA, 2010, p. 357, grifos meus)

Transpor essa dinâmica da relação sujeito e representação, assinalada pelos estudos da psicologia social, para o campo literário, instiga a compreender de que modo a reorganização dos signos nos espaços artísticos subverte – ou não – a teia de significados disposta no espaço social. Mais precisamente, na literatura de temática afro-brasileira voltada às crianças, a reorganização de signos estimula a rever, pela linguagem verbal e não-verbal, a visão hegemônica branca e desconstruir estereótipos negativos. Em texto da Unicef (2010), “O impacto do racismo na infância”, apontam-se os efeitos do tratamento preconceituoso ou distorcido de imagens das crianças negras e indígenas, em espaços diversos da sociedade:

Estudos na área de educação infantil revelam que, ainda na primeira infância, a criança já percebe diferenças na aparência das pessoas (cor de pele, por exemplo). A responsabilidade dos adultos é muito importante nesse momento, evitando explicações ou orientações preconceituosas. Não importa se uma criança é negra, branca ou indígena. Qualquer criança ao conviver em uma realidade de desigualdade e de discriminação tem a ilusão de que negros, brancos e indígenas devem ocupar necessariamente lugares diferentes na sociedade. Seja diante da TV, nas escolas, ou em histórias infantis, as crianças vão se desenvolvendo com imagens retorcidas de papéis e lugares segundo cor de pele ou aparências. Por essa razão, uma criança pode achar “desvantajoso”

ter nascido negra ou indígena ou pertencer a um grupo étnico-racial mais discriminado. Os efeitos disso são a negação e o esquecimento de suas histórias e culturas. Portanto, nosso compromisso é construir um lugar justo, igual e sem discriminação para nossas crianças.

A representação e a identidade, conceitos-chave nas pesquisas desenvolvidas sobre o tema afro-brasileiro, são postas em reflexão a partir de Stuart Hall (2006, 2014, 2016), nas obras *A identidade cultural na pós-modernidade*, *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais* (organização de Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall e Kathryn Woodward) e *Cultura e representação*. Na primeira obra, há contribuição significativa para se pensar a respeito da construção identitária no âmbito social, econômico, político, cultural e discursivo. Em “Quem precisa de identidade?”, capítulo da segunda obra, o autor assinala que:

[...] As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios.” (HALL, 2014, p.108-109)

No livro *Cultura e representação*, o autor propõe o conceito de representação a partir da perspectiva político-cultural e analisa imagens midiáticas sobre/de negros, ao longo de mais de um século, no contexto britânico. Conforme aponta Arthur Ituassu (2016, p. 10), na apresentação do livro, “[...] Hall tomou seu lugar [na década de 60] na tradição dos estudos que analisam os efeitos da mídia nas sociedades e constitui o que chamou de *politics of the image*, uma ‘política da imagem’ [...]”. O autor acrescenta:

Para Stuart Hall, a mídia produz amplos efeitos na sociedade, relacionados a um determinado tipo de poder que se exerce no processo de administração da visibilidade pública midiático-imagética. Com isso, sua crítica o leva à busca pela emancipação, por meio do questionamento da imagem. (ITUASSU, 2016, p. 11)

No capítulo intitulado “O espetáculo do ‘outro’”, Hall (2016, p. 140) dedica-se à análise dos estereótipos veiculados pela mídia e suas (possíveis) transformações:

Nosso foco se dirige para a variedade de imagens expostas na cultura popular e na mídia de massa. Algumas são imagens de publicidade comercial e ilustrações de revistas que utilizam estereótipos raciais datadas do período da escravidão ou do imperialismo popular do final do século XIX. A pergunta que surge com essa comparação através dos tempos é: os repertórios da representação em torno da “diferença” e da “alteridade” mudaram ou as características anteriores permanecem intactas na sociedade contemporânea? (HALL, 2016, p.140)

Na literatura, as imagens de crianças, mulheres e homens negros alteram-se a partir da assunção do ponto de vista interno, ou seja, quando o espaço da escrita literária passa a ser ocupado por autoras e autores negros, conforme Zilá Bernd (1988), Otávio Ianni (2011) e Eduardo de Assis Duarte (2011) apontam, ao tratarem das constantes estilísticas da literatura negra ou afro-brasileira.

As obras destacadas, neste artigo, são publicações da editora Pallas, a mais antiga dentre as editoras envolvidas com essa temática:

Fundada em 1975, na cidade do Rio de Janeiro, a Pallas Editora dedica grande parte de seu catálogo aos temas afrodescendentes. [...] A editora vem também consolidando seu catálogo de literatura infantil e juvenil, com títulos em que histórias africanas e afro-brasileiras são contadas e nos quais personagens negros ocupam o lugar de protagonistas, o que é urgente e necessário em um país mestiço como o nosso. (PALLAS, 2020)

2 AFETO E PERTENCIMENTO

Em *Aconteceu na escola – um dia de princesa*, de Anna Claudia Ramos e Sandra Pina (2012), a narrativa quebra o paradigma de princesas brancas dos contos de fadas tradicionais, pois coloca a personagem Eriem, aluna negra, para representar a *Bela Adormecida* em uma peça teatral da escola. As ilustrações são feitas a partir de bonecos por Luis Sagar e Rose Araujo e, desde a capa, há o destaque para o ato de ler em ambiente acolhedor, no qual as crianças estão dispostas em círculos e cercadas de livros.

Figura 1 –
obra



Capa da obra

Fonte: Ramos; Pina; Sagar; Araujo (2012)

A conhecida expressão “Era uma vez”, que remete ao mundo de encantamentos, está em destaque no livro sobre as mãos da professora Janaína e reforça a imersão das crianças no mundo dos contos de fadas, como ouvintes e participantes da encenação ocorrida na escola. Entende-se, aqui, a concepção de literatura afro-brasileira, a partir de dois denominadores

elencados por Eduardo de Assis Duarte: a temática, o ponto de vista e o público. Há a releitura do universo dos contos de fadas em espaço escolar, protagonizada pela personagem negra e o ponto de vista da narradora que revisita seu passado e luta contra o racismo. Quanto ao público, assinala-se:

Num contexto tão adverso, duas tarefas se impõem: primeiro, a de levar ao público a literatura afro-brasileira, fazendo com que o leitor tome contato não apenas com a diversidade dessa produção, mas também com novos modelos identitários; e, segundo, o desafio de dialogar com o horizonte de expectativas do leitor, combatendo o preconceito e inibindo a discriminação sem cair no simplismo muitas vezes maniqueísta do panfleto. (DUARTE, 2011, p. 398)

Sonia Rosa (2017) vê as trocas afetivas e sua importância para afirmação identitária na perspectiva da leitura. Nesse relato de experiência de leitora e escritora, ela reafirma a influência positiva das narrativas com crianças negras no papel de protagonistas para a sua identidade:

Desde minha estreia como autora de livros pra crianças que priorizo a temática afro-brasileira em minhas obras, dentre outros motivos, porque fortalece a minha identidade negra. Gosto de ver representados, positivamente, a minha família, os meus amigos e meus alunos. Quando criança e jovem encontrei poucas representações de personagens negros em situações de conforto e respeito. Quis fazer diferente quando me tornei escritora. [...] As crianças negras são afetadas com a falta dessa referência. (ROSA, 2017, p. 19)

A professora Janaína, narradora das histórias para as crianças e participante da experiência vivida por elas, propõe aos seus alunos e alunas uma encenação, após reminiscências afloradas na casa da mãe:

Tudo começou quando a professora Janaína foi visitar a mãe no fim de semana e encontrou algumas fotos de quando ainda era uma menina na escola. Sentiu uma tristeza danada ao lembrar que ela nunca era escolhida

para ser a princesa das peças teatrais que eram montadas no fim do ano. (RAMOS; PINA, 2012, p. 6).

Inundada por lembranças dolorosas do passado – “[...] naquela noite, as imagens da infância visitaram seus sonhos. Ela chorando escondida atrás da porta quando soube que não seria a princesa [...]” – sua reação, ao chegar à escola, é oferecer aos seus alunos e alunas, sobretudo às meninas negras, o registro de suas imagens de princesas e, assim como a escritora Sonia Rosa, fazer a diferença e quebrar paradigmas instaurados desde a infância, como mostra a cena do diálogo entre as crianças:

- E agora? O que a gente precisa fazer, professora? – quis saber Léo.
 - Precisamos escolher uma história. Eu tenho uma ideia, mas quero ouvir a opinião de vocês.
 - Mas tem que ter princesa, Janaína! – disse Eriem.
 - Lá vem a Eriem sonhando em ser princesa de novo, até parece que pode! – alfinetou Gesimar.
 - Claro que eu posso ser princesa, qual o problema, garoto? Meu pai diz que sou a princesinha dele.
 - Só dele mesmo! **Nunca vi uma princesa igual a você.**
 - E por que não? – perguntou Janaína. – E sem dar tempo de qualquer reação da turma, emendou: – Então, está escolhido: Eriem será a princesa da peça. Alguém tem alguma coisa contra?
- Ninguém falou mais nada. (RAMOS; PINA, 2012, p. 9, grifos meus).

O projeto ganha dimensão maior com o envolvimento da família e dos responsáveis para confecção de materiais para a peça escolhida, *A bela adormecida*, com a princesa Eriem. Nesse clima festivo e afetoso, a peça é encenada e seu final comove os espectadores, ressignificando as impressões do passado para Janaína: “Ninguém percebeu os olhos cheios de água de Janaína, que se sentia novamente menina através da satisfação e felicidade de Eriem, que teve seu dia de princesa.” (RAMOS; PINA, 2012, p. 8).

3 PERTENCIMENTO: AS HEROÍNAS NEGRAS

Para as crianças e os jovens, a constatação de que há pessoas negras de destaque na história da libertação do povo negro rompe a sistematização de imagens de submissão e apatia registradas, quando há abordagem descuidada da formação cultural do Brasil e do período escravocrata. Stuart Hall (2016) chama a atenção para a convenção do signo linguístico e a formação de sujeitos culturais, que tendem a sistematizar as representações e de que forma essa sistematização interfere no modo como a criança constrói a visão sobre si mesma:

As crianças, inconscientemente, internalizam os códigos que as permitem expressar certos conceitos e ideias por meio de seus sistemas de representação – escrita, fala, gestos, visualização e assim por diante, bem como interpretar ideias que são comunicadas a elas usando os mesmos sistemas. (HALL, 2016, p. 43).

Grada Kilomba (2019) analisa, em seu livro *Memórias da plantação* – episódios de racismo cotidiano, entrevistas coletadas para sua tese de doutorado em Berlim. A citação abaixo diz respeito a Alicia, uma das entrevistadas, e corrobora as ideias de Hall quanto à internalização de um sistema de signos e representações, na construção da visão de mundo pueril:

[Quando eu era criança] quando pessoas *negras* olhavam para mim, eu sabia que eu tinha algo a ver com elas, mas não queria porque eu não queria ser vista como uma *Neger*, como eles eram. Eu pensava que havia algo muito errado com isso. Havia todas essas imagens terríveis de pessoas *negras* nos livros, por exemplo... ou na televisão, nas notícias, nos jornais, basicamente em todos os lugares. Em toda parte... Ainda hoje, isso é tão... Então, quando criança eu não queria ser como elas e, ao mesmo tempo, eu era uma delas, e eu sabia disso. Uma situação difícil... (KILOMBA, 2019, p. 152).

Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta, de Sonia Rosa (2013) e ilustrado por Luciana Justiniani Hees, é o livro baseado na

história de Esperança Garcia, conhecida por escrever uma carta ao governador, após ter sua família dividida, e destaca-se como a primeira mulher negra a fazer uma petição, conforme registra o *site Geledes* (2017):

Em 06 de setembro de 1770, uma carta foi enviada ao Governador da Capitania de São José do Piauí, Gonçalo Lourenço Botelho de Castro. A carta denunciava violências e demandava justiça. Um tipo de texto que, no dicionário da boa advocacia, poderia ser sinônimo de petição.

[...]

Sabemos pouco sobre como Esperança aprendeu a ler e escrever, se pôde retornar com o filho à terra onde vivia e reencontrar o marido, se batizou a filha, até quando viveu. Mas conhecer sua história de resistência no período colonial exige que enfrentemos nosso racismo, que apaga existência e lutas da população negra desde a invenção do Brasil.

Em primeira pessoa, inicia-se a narrativa, que dá voz à personagem Esperança Garcia para contar sua história:

Meu nome é Esperança Garcia.

Todo mundo tem uma história e eu também tenho a minha.

Sou uma escrava casada e com filhos. Morava com minha família na Fazenda dos Algodões. Meus senhores eram padres jesuítas.

Depois que todos os padres tiveram que voltar correndo para a Europa, minha vida piorou muito...

[...]

Hoje vivo outra vida contra minha vontade. Fui obrigada a sair da Fazenda dos Algodões para ser cozinheira aqui na casa do capitão Antonio Vieira Couto.

[...] Meu marido ficou com nossos filhos maiores lá na outra fazenda e eu fiquei com os menores.

(ROSA, 2013)

O uso do tempo presente e da primeira pessoa, ao descrever sua situação atual, longe do marido e dos filhos, aproxima o leitor da história narrada por Esperança Garcia, o que possibilita acompanhar de perto a angústia da protagonista e quebrar o distanciamento temporal, marca dos

registros de fatos historiográficos. Ao leitor juvenil é dada a oportunidade de entrar em contato com as diferenças entre a linguagem ficcional e a historiográfica de forma sutil, em princípio, para desenvolver, paulatinamente, a familiaridade com as nuances literárias, entre elas, a importância da adoção de um ponto de vista para contar uma história.

A narradora ressalta estar entre as privilegiadas alfabetizadas pelos jesuítas, num contexto em que as mulheres – escravizadas ou não – eram analfabetas. À medida que a situação piora com a violência do capitão contra Esperança e os filhos, ela resolve escrever a carta ao governador, utilizando como arma de denúncia seu domínio da palavra escrita, traço distintivo de seu perfil que, de certa forma, faz dela uma heroína: “Eu sou uma escrava de V.S. da administração de capitão Antonio Vieira de Couto, casada. [...]” (ROSA, 2013). Na literatura canônica ocidental, dos traços de um herói² e, em menor número, de uma heroína não faz parte a habilidade de Esperança; no entanto, o contexto de produção da carta – e dada a situação de tantas crianças e jovens negros³, ainda fora da escola, na atualização de leitura da narrativa – ler

² A ideia de considerar o contexto para atribuição de traços heroicos às personagens parte da leitura do estudioso Philippe Hamon (1976). Embora o autor trate de contexto moral e cultural valorizado, é possível compreender esses traços também no contexto histórico e social.

³ Dados da pesquisa anual do IBGE, divulgados pela *Folha UOL* de 15 de julho de 2020, mostram que

[...] jovens negros passam, em média, quase dois anos a menos na escola (8,6 anos) do que brancos (10,4). A taxa de analfabetismo também é quase três vezes maior entre negros. Quase 10 a cada 100 negros com mais de 15 anos não sabem ler nem escrever, enquanto entre brancos são 3,6% os analfabetos. A proporção é a mesma na população com mais de 60 anos, o que mostra o pouco avanço na diminuição da desigualdade. Nesta faixa etária, 27,1% dos negros e 9,5% dos brancos são analfabetos.

Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/negros-sao-717-dos-jovens-que-abandonam-a-escola-no-brasil.shtml>.

e escrever são traços distintivos de qualificação de um herói, de uma heroína e de suas batalhas: “Saber ler e escrever é uma maneira de esticar, bem esticada, a voz da gente, fazendo com que ela chegue a tempos e a lugares distantes, nunca antes imaginados...” (ROSA, 2013).

Enquanto o tempo transcorre, sem resposta para sua carta, a protagonista aconchega-se aos filhos menores e às lembranças de canções da mãe que, apesar de embaralhadas, preenchem o vazio da separação da família. Entoar a voz e as lembranças gera calma para as crianças.

A ausência de resposta à carta aumenta a tristeza da heroína e seu silêncio torna-se perceptível, assim que a narração é assumida pela voz em 3ª pessoa. O cotidiano aprisionado na dor da escravidão sufoca suas palavras, mas não sua esperança:

Mais tarde, na hora do almoço, a hora mais pesada do dia, ela tem as bochechas suadas pela quentura do fogão a lenha. Nessa hora, suas lágrimas escorrem quentes e se confundem com o suor de seu rosto.

Ela, Esperança Garcia, continua esperando a resposta da carta que escreveu ao governador... Porque uma Esperança de verdade nunca desiste de esperar.

E assim, nessa incansável espera, Esperança Garcia entra para a História como a escrava corajosa que redigiu a primeira carta-petição no Brasil afro-brasileiro. (ROSA, 2013)

Em 11 de agosto de 2017, 247 anos depois, sua voz é ouvida e reconhecida como a primeira advogada piauiense, conforme anuncia o *site Geledés*:

[...] a remetente da carta, Esperança Garcia, acaba de receber do Conselho Estadual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-PI) o título simbólico de primeira mulher advogada do Piauí, a pedido da Comissão da Verdade da Escravidão Negra da OAB-PI.

A demora de dois séculos e meio foi de luta para que aprendêssemos a ver a advogada impossível: uma mulher

negra de 19 anos, escravizada, que denunciou por escrito as violências que sofria e testemunhava em uma fazenda localizada a 300 km de onde hoje está Teresina.

Imagens e palavras recriadas na (e pela) literatura infantil e juvenil afro-brasileira contribuem para desconstrução de signos que tendem a naturalizar a representação inferiorizada de crianças, mulheres e homens negros. Para Stuart Hall (2016), os significados não são fixos, mas deslizantes e há sistemas que procuram aprisioná-los como forma de manutenção do poder discursivo e ideológico.

[...] “naturalização” é [...] uma estratégia representacional que visa *fixar* a “diferença” e, assim, *ancorá-la* para sempre. É uma tentativa de deter o inevitável “deslizar” do significado para assegurar o “fechamento” discursivo ou ideológico. (HALL, 2016, p.171, grifos do autor).

São representações negras emergentes, que ocupam lugares onde havia o apagamento ou a ausência de protagonismo. Para crianças e jovens, elas significam fortalecimento de sua identidade em face do racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As meninas Emily Victória Silva dos Santos, 4, e Rebeca Beatriz Rodrigues dos Santos, 7, morreram, em Duque de Caxias, ao serem atingidas por balas perdidas no dia 04-12-2020. “De acordo com a plataforma Fogo Cruzado, das 22 crianças baleadas este ano na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, oito delas morreram, sendo as crianças mortas todas negras.”⁴ Infelizmente, esses tiros têm alvos, não estão perdidos e acertam quem ou o que estiverem ao redor: pobres, negros, mulheres, crianças, moradores(as) inocentes de locais em guerra. Há, no cerne desta guerra, um pensamento racista que deve ser combatido, em princípio, através do cuidado

⁴ Notícia disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/policia-br/rj-tem-22-criancas-baleadas-em-2020-duas-meninas-morreram-na-sexta-feira>.

com as crianças negras nas escolas e do acolhimento das crianças negras em situação de rua. Em comentário na reportagem de 25-06-2020, “Racismo e infância: o Brasil falha em proteger crianças e jovens pretos”, o psicólogo Marcos Amaral fala do genocídio da população negra:

“Ele (o genocídio) tem tentáculos. Se expressa na educação, na saúde e no recado diretamente dado a essa população quando policiais se sentem no direito de invadir uma casa e entrar atirando nessa casa. Em qual espaço da branquitude o policial entra atirando? É um recado de que a vida dos negros importa menos.”

Na literatura afro-brasileira, em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, conto de Conceição Evaristo (2014), a menina busca insistentemente uma figurinha de sua coleção, cobiçada pela irmã gêmea Naíta. Espalha seus brinquedos, no pequeno espaço do barraco, e certa de que a irmã havia levado sua figurinha-flor, sai à sua procura num bairro onde “[...] o barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil [...] (EVARISTO, 2014, p. 76). A irmã Naíta, ao voltar para casa e ser repreendida pela mãe, sai em busca de Zaíta para dizer-lhe que havia perdido a figurinha-flor e a mãe estava brava porque ela não tinha guardado os brinquedos. Entretanto:

Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí um minuto tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão. (EVARISTO, 2014, p. 76).

A infância, os afetos, as imagens literárias de crianças negras ampliam perspectivas artísticas e modos de ver o Brasil, na sala de aula, ao substituírem uma visão hegemônica pelo híbrido cultural. Ao mesmo tempo, integram a rede maior da luta antirracista, no contexto da educação étnico-racial.

Oxalá a palavra literária seja força aliada das lutas contra o racismo e a exclusão social para que as Zaítas brasileiras não se despeçam tão cedo de seus brinquedos.

REFERÊNCIAS

- BERND, Z. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DUARTE, Eduardo de Assis (org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v.1 (Precursores)
- DUARTE, Eduardo de Assis (org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v. 2 (Consolidação)
- DUARTE, Eduardo de Assis (org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v. 3 (Contemporaneidade)
- DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. DUARTE, Eduardo de Assis (org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v.4 (História, teoria, polêmica).
- EVARISTO, Conceição. Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos. *In: Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas/Fundação Biblioteca Nacional, 2014.
- GUMIERI, Sinara. Mulher, negra e escravizada: Esperança Garcia, a primeira advogada do Piauí. *Portal Geledés*. 11 de ago. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulher-negra-e-escravizada-esperanca-garcia-primeira-advogada-do-piaui/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2021.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 15ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Arthur Ituassu (Org.). Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HAMON, Phillipe. Para um estatuto semiológico da personagem. *In: ROSSUM-GUYON, F. et. al. Trad. C. Martins. Categorias da narrativa*. Lisboa: Vega, 1976. p.77-102
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org). *Afetividade: as marcas do professor inesquecível*. Campinas: Mercado das Letras, 2018.

O IMPACTO do racismo na infância. *Unicef*, Brasília, 2010. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/1731/file/O_impacto_do_racismo_na_infancia.pdf. Acesso em: 25 de jan. 2021.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: ÉDUFBA, 2013.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Rua Luanda*. Ilustrações de Rubem Filho. São Paulo: Paulinas, 2013.

POMBO-DE-BARROS, Carolina Fernandes.; ARRUDA, Angela Maria Silva. Afetos e Representações Sociais: Contribuições de um Diálogo Transdisciplinar. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 26, n. 2. abr/jun. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722010000200017&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 05 de jan. 2021

RAMOS, Anna Claudia; PINA, Sandra. *Aconteceu na escola*. Ilustrações de Luis Sagar e Rose Araujo. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

ROSA, Sonia. *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta*. Ilustrações de Luciana Justiniani Hees. Rio de Janeiro: Pallas, 2013c.

ROSA, Sonia. *Entre textos e afetos: formando leitores dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SOUZA, Marina Duarte de.; LACERDA, Nara. Racismo e infância: Brasil falha em proteger crianças e jovens pretos. *Brasil de Fato*. São Paulo, 25 jun. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/25/racismo-e-infancia-brasil-falha-em-proteger-suas-criancas-e-jovens-pretos>. Acesso em: 27 de jan. 2021.